

PSICODELISMO DA NATUREZA

Hoje não ouvi nada, só senti

Veio do nada pro nada

Queria recheio, conteúdo, pelas tampas

Onde buscar? Tem lugar?

A começar em que rampas?

Paro e parei os tempos

Pareceu-me normal e simples

Nem os uivos dos ventos

Nem os grunhidos dos porcos

Nem os alegres, nem os tensos

As nuvens não me convencem

Nem os meus times que vencem

Não sinto dores em topadas

Existo, eis os porquês das pensadas

Vagalumes acendendo e, vupt!, centelhas apagadas

Estrelas suplicando luzes em apuros

Arvoredos amargos, gritos sem estilos puros

Pudins com aspartames, bravezas de mães, bolos duros

E aquele sonho que teima

Em não sonhar?

E aquele sono sublimando-se em suores a me acordar

Bom é no rio

Sol, bíceps e nadar

Enquanto isso, observo urubus e carniças

Num digno banquetes de políticos e afins

Tomo uma coca colas com fritas e arrotos

Gorduras cis-trans vem à tona

De carona

%, x%, \$%, 100%

Quem criou o alfabeto dos percentuais

E os ais, às?

Menino, irás! Menino, não adorais!

Menino, matarás! Menino, não amordaçarais!

Menino, roubarás! Menino, não choras!

Menino, Menino

Dos ais e às!

Slogans aos borbotões saltitando

Atrás da fama aviltando cifrões

E nas praças, rios e lagos

Afagos pipocas, petecas, muletas e carrinhos de rodas longos

Nos dias de maresia afugentando pernilongos
De manhãzinha as mesmas agonias e bocejos
Esfregões imundos desmelecando os olhos
Pés brutos, sujos, atacando percevejos
Ói, ainda vejo...

Nada à frente... logo pão-café e ferro no suco de açai
Olhos abertos, e daí?
Gente, bicicleta, capim, esfirra, espírito, cachorro
Ando, apresso, agora corro
A quanto mesmo por hora morro?

O velho xinga o vento folheando o jornal
Enquanto espanta das narinas os mosquitos
As seitas tramam acordo: ou é de Deus ou é do Mal!
Relinchando os cavalos atropelam o som dos periquitos
A mão ajeita o bebê no carrinho
O pai a fazer sua corrida
Em casa fazem as contas, nada sobra pro carinho

O tempo tem uma esposa?
Será velha, rabugenta, carcomida?
O tempo dá manjares em seus templos?

Quem então os convivas, os contemplo?

Tempo sem começo. Onipresente, está em tudo.

No vagar, na espera, no buscar, na queda, no transformar, na insônia, no antecipar, na vontade, no espiar, na intensidade, no comer, na poesia, no amadurecer, na voz, no sino, no mijar, na paciência, no lar, na paixão, no amor, na vida, no morrer.

Tempo sem fim. Onipresente, com tudo.

Todo o mundo de sua vida quer tirar uma casquinha. Faz dele premonição, medição, previsão, maldição, calendário.

Numa boa.

Dele cobra, exige. Dele caçoa.

Haja paciência, tempo.

Pra tanto tempo à toa.

O céu, oh céu! Que nunca sai do lugar

Volta e meia e ele lá.

Meia volta, muda de cor

Sempre à espreita mandando ver

Quando cinza, chuva. Branco, calor.

Escuro, o mistério do medo –dor.

Daqui de onde escrevo e o céu

Basta um sonho e um olhar

Acontece de tudo nas entranhas

Difícil entendê-lo tanto quanto a ciência de um Deus

Das abelhas, das formigas, das putas e das aranhas.

Eis-me no ar

Esse é tinindo. Não paira nele

O ar não para

Denso, leve, solene, alvoroçado, escasso

A esparramar-se no espaço

Sabia que vai onde dar nas telhas?

É amigo do som, embaraça a luz, arruína o vácuo

Levanta saias desavisadas e desarruma cabelos dondocas

E só querendo ser

Dando vida às baratas, morcegos e ratos

Penetra em invulneráveis tocas

O que vim fazer agora nesse papel?

Gostaria quase tudo

Escrevendo um grito rasgado, rasgando mudo

Mar labirinto de águas. De som grave, agudo

Branco nas areias, muda-se rabugento

A nos mirar fumegante

Por cima do líquido insípido, inodoro, um alvejante

O mar. Agora, lembro, vim ao mar.

Poço de infinitas riquezas de orgulhos mistérios

Um romântico sem critérios

O mar tem um lar? É lá?

Tem nome de morto e, até, de morte

Um habitat de vulcões, predadores

Mas...que porte!

Milhões de peixes, fungos, troças, amoníacos

De paladares, formatos, odores tantos

E coisas não brilhantes cintilando cores

Por todos os cantos

Aliados que são dos compositores

E dos amores.

Fogo? Então, né, cheguei a você

Fazer o quê? Se orgulha-se de não ter estado físico

E eu lá com isso!

Arrasta luz radiante, calor, queima

Vai sumindo nas teimas ardentes

Aos olhares findos dos combustíveis e comburentes

Até sorri divertindo-se nos focos das lentes

Amedronta as águas fervendo-as nos chás e cafés

Ainda assim fraqueja, estala, chora ao fugir pelas chaminés

Bravo, brada: “ Oh! Água inerte, não vêes que esse seres insanos querem apenas em ti velejar, matar a sede, se banhar? Chega de preguiça e desse horrível chuá, chuá. Vem comigo. Eu os mato de calor e escarrando queimas.Tu, amorfo líquido, de sede, afogados e envenenados.Aí, juntos seremos os senhores do tempo e do espaço”.

A natureza: manda-chuva das proezas e dos contatos...

E ainda arranja tempo para acordos e boatos

Vem de longo a ser arainha suprema dos atos

Espiem só: Homens, mariscos, fluidos, rochas, estrumes, vísceras...miolos

Nela não convivem espertos e tolos

Imaginem a natureza amedrontadas dos racionais

Só por essas análises das chuvas ácidas e dos nocivos metais?

Só por avistarmos grossamente os CO₂, CFCs e os seus efeitos globais?

Também as drogas, os abalos das serotoninas, as químicas hormonais

Achando que fazemos raiva, a desafiamos

Pensa que vamos por ali

Uhhhh! Olha nós aqui

Dizemos: Hoje não, amanhã sim

Efêmeros, acabamos por se mandar daqui

A natureza, soberana, segue num sem fim.

OTONIEL GONDIM ---- Professor, Escritor e Compositor.